

A BORBOLETA ACORRENTADA

Eduardo Campos

Desceu do ônibus para rever a mãe, sem poder disfarçar o constrangimento que a visita, demorando a acontecer por último, provocava nas emoções dela. Primeiro por saber que a velha senhora estava a merecer mais atenções de sua parte; segundo – era esse um ponto bastante grave a considerar – de entender que devia vê-la com mais freqüência, o que acabava significando (seria isso mesmo?) visível desinteresse pelas relações de ordem familiar, principalmente naquela hora...

Debaixo desse pensamento, que o fazia desencorajado, ganhou o passeio a sobraçar os pacotes que, à noite, com paciência, preparara, uns tantos suprimentos de mercearia, reclamados.

Antes de entrar na casa, viu o edifício desmerecido pelo tempo. A pintura da fachada estava ficando cada vez mais esmaecida; a porta, tomada de um remoto azul colonial, sofria a intensidade da luz do sol. E nem precisava de esforço de imaginação para compreender. Ali tudo deteriorava-se rápido.

Premiu a campainha anunciando-se:

- Sou eu, mamãe.

Ela própria o recebeu com um sorriso de nenhuma pressa, muito sumida de carne, as feições murchas. Metia-se em surrado vestido, estampa de roupa antiga, ramos e flores em tons de duvidoso gosto. Saíam-lhe tardos os movimentos, e dizia mais a si própria do que ao filho, em tom de queixa, que se cansava fácil, agora.

Com facilidade, sem mais vontade de viver... – foi contando, a voz anasalada e desprovida de ânimo. Assim dito sentou-se na cadeira de balanço, o vime encardido e desbotado. E logo acomodou as costas, que lhe doíam como nunca, na almofada puída.

Ele arreou o corpo no divã da sala, reavaliando-lhe o estado, e a ver os móveis, as coisas esquecidas e os retratos que perseveravam pendurados nas paredes.

Deparou o gato, bichano de visível ancianidade, aninhado noutra almofada, a dormir ali – pensou o homem – há mais de vinte anos.

A empregada veio do interior da casa na intenção de esclarecer.

- D. Margarida às vezes, e já agora sucedia com mais freqüência, não se

lembrava das coisas. Chega a tomar o remédio duas vezes seguidas... É engraçado mesmo!

- Mamãe, tenha mais cuidado.

- Maluquice dela, meu filho! Ora! Claro que nem sempre eu me recordo do que já se foi... – E em tom dolorido, de visível desconsolo. – Tudo vai ficando tão longe...

A empregada, antes de tornar à cozinha, abriu a janela da sala, justificando: “ Pra clarear mais. Sol é bom.”

- Mãe, a senhora – foi avaliando com visível indiferença o homem – ainda conserva todos os retratos da família...

- São os meus parceiros. Ah se não fossem eles!... E tem também a borboleta. É também amarelinha, linda! Às vezes prendo-a à corrente. Sei que maltrato a bichinha, mas que jeito? Por alguns momentos é minha borboleta acorrentada.

Ele admirou-se:

- Que história é essa?

-...sim, quando ela foge, chegam logo uns passarinhos. Aí eu tenho já guardado um pratinho com água e açúcar.

Decorrido um breve instante, como se situasse no passado, indagou:

- Seu casamento, já marcou?

Ele assustou-se:

-Oh, mamãe, quanto esquecimento! Casei, faz tempo e até já me separei da primeira mulher...

-Nunca me falaram nisso! É sempre assim. Sou a última a saber. Me escondem tudo!

Amou-se. Ele acudiu a abraçá-la contornando a situação:

- Me desculpe, mamãe. Por favor, não faça cara de zanga.

E ela outra vez com alegria:

- Olhe a borboleta!!!

Era uma folha esvoaçando, soprava da rua. E ele achou conveniente confirmar:

- Muito bonita!

- Não contei? Se você demorar, vai ver a chegada dos passarinhos, o bando entrando pela janela, uns tão coloridos que penso estarem vindo do estrangeiro. Outro dia apareceu aqui, bem no meio da sala, um papagaio. Não se recorda do seu louro? Era ele.

-Sim, o *Real*... – Assentiu o homem a um repente retornando aos dias

mais felizes, quando não experimentara ainda a aspereza da vida...

-O *Real* só se apresentou aqui na sala uma vez. Não demorou, sumiu. Bicho e coisa têm caprichos que a gente nunca entende.

Remexeu-se na cadeira, sentindo-se pouco à vontade, e disse:

-Aparecem... e desaparecem. É dura o efêmero?

Amargurado, o homem não soube responder.

A empregada surgiu na sala. E por meio de mímicas, em gestos engraçados, avisava que a senhora estava mesmo perdendo o raciocínio.

Vexado, o filho levantou-se. Na verdade, naquela hora molestava-se em saber do estado de saúde da mãe. Em todo o caso -começou a pensar- ia fazer tudo para trazer até ali, de visita, a criatura com quem vivia pelos últimos anos. Tinha insistido antes, duas ou três vezes, e ela reagia sempre:

-“Não gosto de idosos...”

-Mãe, vou indo. O expediente da repartição começa mais cedo hoje.

-Volte sempre, filhinho. Pode ser que da próxima vez você encontre aqui comigo o *Real*. Ele ainda repete o seu nome bem explicado: “*Pedro!Pedro!Pedro!*”

Ele tornou na semana seguinte, estava apreensivo. Veio só. A companheira desistira. E até confessou:

-“Não é por desamor, é que não gosto de ser testemunha do sofrimento de anciões... A velhice tem caprichos dolorosos. È triste saber que hoje *outra mulher* tomou o lugar de sua mãe, pobre criatura que vê borboletas e passarinhos. A coitada persevera em mundo diferente do meu. Nem sabe quem eu sou...”

A empregada mostrou-se na sala de visita, e enquanto o homem se sentava, foi abrir a janela, a explicar:

-Fica melhor assim, mais ventilado.

Não obstante ele aguardar que a qualquer instante a mãe o chamasse a atenção para a borboleta amarela, nada ocorreu de anormal. E até ela conversou firme, e bastante desembaraçada, e rememorou anos muito para trás, episódios que nem ele próprio se lembrava agora. Não mencionou mais o papagaio nem os passarinhos de plumagem colorida.

Faltando assunto a um momento, Pedro indagou:

-A senhora tem dormido bem?

-Graças a Deus. Insônia só quando não tomo meu remédio.

Mais por diante, às despedidas, ela ajuntou:

-Não quero me mudar daqui. Foi a casa que conheci quando me casei

ainda muito cheia de vida. Adoro viver com minhas recordações. Mas gostaria que você viesse me ver mais vezes. Me sinto tão só...

Quando o homem partiu, ela foi sentar-se em sua gasta cadeira de vime. Como sempre procurou melhor posição para atenuar a dor da espinha, o que conseguiu ao recostar a cabeça, resignada, na almofada de veludo.

Nisso a empregada veio saber se não dava hora de fechar a janela.

-Ainda é cedo. É muito cedo.

Disse e continuou ansiosa, a outra notou, ao segurar, na mão, frágil corrente de prata, o fecho aberto...

Havia muito o que fazer na cozinha, mais a empregada resolveu também ficar aguardando a borboleta.